



sumário

Revista sobre educação da
Câmara Municipal
de **Oeiras**

Edição da Câmara Municipal de Oeiras

Departamento dos Assuntos
Sociais e Culturais

Tel: 21 4408503

Fax: 21 4408564

Correio electrónico:
sumario@cm-oeiras.pt

N.º 04 - Maio de 2002

- Editorial
- A Escola EB 1 nº 4 de Paço de Arcos
- Entrevista a José Augusto Lucas - Presidente da E.S. Linda-a-Velha
- Projectos - Oficina do Património e Cidadania
- A Professora - Manuela Jardim
- Homenagem à Prof. Leonor Santos
- Dossier - As novas bibliotecas escolares
- Dossier - Uma prática exemplar
- Visita de Estudo - Aqueduto de Carnaxide
- Outras Escolas - Escola Militar de Electromecânica
- Cidadania - Associação de pais EB1 de Queluz de Baixo
- Reflexão - O relativismo cultural e o processo educativo
- Livros & Companhia - por Ágata Midões
- Montra - Sagração da Primavera 1
- Montra - Sagração da Primavera 2
- Notícias
- Opinião de Roberto Carneiro

ficha técnica

COORDENAÇÃO: José Manuel Constantino, Alexandra Melo de Vasconcelos, José Manuel Pereira **REDACÇÃO:** Guiomar Belo Marques **FOTOGRAFIA:** Rita Carvalho, Margarida Dias (montra), Sofia Pinheiro (produção) **REVISÃO:** Luis Alho, Sebastião Silva Cruz, Teresa Joana Pinto, Manuel de Castro Machado **PROJECTO GRÁFICO:** Luis Carlos Amaro/Gráficos à Lapa **EDIÇÃO GRÁFICA:** Raimundo Santos **CONCEPÇÃO E PRODUÇÃO:** Estrelas de Papel, Lda. Rua Almirante Barroso, 52 - 3º esq., 1000 - 013 LISBOA Tel: 21 3511080 Fax: 21 3511089 estrelasdepapel@netcabo.pt

Acreditar no fazer certo



A sabedoria está cheia de incertezas, e a convicção inteligente aprecia a dúvida. Céptico, mas não necessariamente desconfiado, a opção tornou-se óbvia quando, aos 13 anos, dois professores lhe fizeram sentir que a escola podia encerrar saberes e magias infindáveis e, além do mais, transmissíveis. Vigilante atento da sua consciência, é um grande pai ao qual a sapiência não roubou a humildade de aceitar a falta de resposta para, por vezes, muitos porquês. Na sua escola não existem enteados, só filhos.

Quando se avaliam as escolas deveria ter-se em conta não só as notas, mas também as características dos alunos. E deveria ser tomado em linha de conta que muitos têm de ser apoiados, porque quando o são conseguem fazer a sua vida.

Por mais que afirme que houve, na sua decisão, uma opção política, dadas as suas andanças pelo movimento estudantil e a sua urgência ideológica de mudança, a verdade é que ser professor sempre lhe esteve na massa do sangue. E sê-lo não é necessariamente entrar numa sala de aula e transmitir matéria. É também uma acção pedagógica e uma fraternidade. Por isso, pertencer ao Conselho Executivo da Escola Secundária de Linda-a-Velha há quase 20 anos e ser seu presidente há 12 é, mais do que um cargo, um prolongamento do seu entendimento da escola. Seja no seu gabinete ou nas suas deambulações pelas instalações da escola, ao professor Lucas nada escapa. Conhece, quase pelo nome completo, os 71 alunos que a frequentam, sabe das suas indisciplinas e das suas inteligências, vive o tempo escolar numa inquietação dedicada. Não pode mudar o mundo, como intimamente gostaria, mas afeiçoou aquele território à sua convicção de que todos os homens nascem simples e quase iguais.

Tornou-se professor aos 20 anos, ainda estudante. Porquê?

Foi uma opção política. Fiz o Instituto Comercial de Lisboa e depois frequentei o Instituto Superior de Economia (ISE), mas não terminei o curso. Tirei uma especialização em Gestão Escolar. Quando comecei a dar aulas estava no 1.º ano do ISE e era mais ou menos militante político, participava no movimento associativo e estava ligado a movimentos católicos progressistas, de forma que foi uma questão ideológica.

Mas nunca tinha ponderado a possibilidade de ser professor?

Aos 13 anos decidi que queria ser professor.

Porquê?

Porque tive dois professores que me impressionaram.

Estava a estudar onde?

Em Pombal, na Escola Comercial.

E que professores foram esses?

Um de Francês, que tinha uma relação muito fraterna com os alunos, e outro, de História, que era muito austero e exigente, possuía grande rigor e sabia o porquê das

coisas – e quando não percebo o porquê das coisas fico muito desorientado. Por isso, se não tivesse sido professor tinha ido para padre!

É católico?

Não! Sou agnóstico, e para mim o universo são os deuses. As mortes injustificadas, principalmente, não as percebo, mas tenho de me conformar... No entanto, sempre que possível, procura o porquê.

Estudou em Pombal. É de lá?

Não, sou de uma aldeia de proprietários agrícolas chamada Marco do Sul, perto de Pombal. Fiz a primária numa aldeia próxima, porque a minha s tem doze casas, muitos rios, regatos, a serra ao lado e muitas reminiscências dos romanos. Fica a 12 quilómetros de Conímbriga.

Essa aldeia onde cresceu é importante?

Sou muito influenciado pela vida das aldeias, e visito a minha sempre que posso.

Os seus pais vivem lá?

A minha mãe vive, já não tenho pai. Também faço agricultura.

Que tipo de agricultura?

De sobrevivência!

Fez a primária numa aldeia vizinha, a Escola Comercial em Pombal, e depois?

Depois do 5.º ano vim para Lisboa, fiz o Instituto Comercial e, paralelamente ao 6º e ao 7.º anos, entrei para o ISE, porque fiquei dispensado da admissão.

Que idade tinha?

16 anos.

Não foi complicado, nessa idade, vir para a capital?

Vim sozinho mas tinha um amigo que já cá estava, e apesar de ter cá família fui viver para um quarto alugado.

Foi estudando e, entretanto, aos 20 anos tornou-se professor...

Aos 20 anos pôs-se-me a opção do exílio – por causa da tropa, que seria o mais indicado – ou ficar. Mas como era filho, e neto, único houve uma grande pressão da família, que tinha medo de nunca mais me ver, para se resolver a questão de maneira a eu não ir para África. Na altura havia quem defendesse que se devia minar por dentro, e foi isso que eu fiz. Fui para Mafra, e como nunca gostei de tiros escolhi uma especialidade de acordo com o meu curso: Contabilidade e Pagadoria. Fiquei em segundo lugar e fui dar aulas para a Escola Prática de Administração Militar. Mas antes disso leccionei durante dois anos, na Marinha Grande e em Ponte de Sor.

Conseguiu não ser mobilizado?

Não sei como foi, nem o que aconteceu, mas fiquei cá. No entanto, como o meu comportamento não era o mais adequado, fui sucessivamente saneado da instituição militar, antes e depois do 25 de Abril.

E quando regressa ao ensino?

No ano lectivo de 75/76 sou colocado em Alcanena durante três anos, onde fiz parte do Conselho Directivo. Depois vim fazer o estágio para Lisboa, na Ferreira Borges: vim para Linda-a-Velha, fui um ano para o Restelo e voltei, em 81/82.

Está na Escola Secundária de Linda-a-Velha há 20 anos e é presidente do Conselho Executivo há 12. Não tem saudades de dar aulas?

Não. Gosto do que faço. Mas se tiver de voltar a dar aulas também as dou, naturalmente.

Ao fim de 31 anos como professor houve alunos que o marcaram?

Houve! Uns por serem brilhantes, com grandes competências, e outros por serem alunos com dificuldades em termos económicos e sociais, e que com alguns apoios conseguiram ultrapassar essas dificuldades. Quando se avaliam as escolas deveria ter-se em conta não só as notas, mas também as características dos alunos. E deveria ser tomado em linha de conta que muitos têm de ser apoiados, porque quando o são conseguem fazer a sua vida.



Os alunos brilhantes podem apresentar questões complicadas às quais os

professores não sabem responder. Alguma vez se sentiu ameaçado por isso?

É natural que isso aconteça e é estimulante. Os professores devem ter a modéstia de reconhecer que não sabem tudo, e devem ser questionados. Devem ser humildes, como todas as pessoas, sem deixarem de ser professores.

O que é ser-se professor, actualmente?

Penso que na aula, na escola, há diferentes papéis, segundo o corpo a que se pertence. O professor é quem lidera a aula, e tem de haver uma atitude de respeito entre ele e o aluno: mesmo nas situações em que o professor está perante uma dificuldade. Os alunos hoje têm acesso a informações com as quais o professor pode ser confrontado.

Os alunos lêem menos mas têm mais informação, é isso?

Estão mais informados do que antes. Mas eu tenho percepções muito diversas porque dei aulas em zonas rurais, industriais e aqui. Notei, no final da década de 80, talvez, um salto na informação, o que terá que ver com a abertura da sociedade em geral e com os meios.

Refere-se às novas tecnologias, ao computador. Parece-lhe que a escola acompanha essa quase voracidade dos alunos relativamente ao recurso a novas fontes de informação?

Os alunos usam muito o computador na escola. No 3.º ciclo estamos na gestão flexível dos currículos. Esta escola esteve na rede de experiência que irá recriar-se para o ano. A área das Tecnologias de Informação é uma delas.

Além do Centro de Recursos a sua escola está bem equipada nessa área? Está!

Os Serviços administrativos estão todos informatizados e em rede.

Esta escola não tem um patrono. Há alguma razão?

A escola tem 22 anos e as pessoas sempre acharam o nome bonito. Como foi a primeira escola secundária desta zona nunca tiveram vontade de lhe dar um nome. Quando abriu, a escola acolhia muitos miúdos de origem cabo-verdiana e pensou-se em dar-lhe o nome de Manuel Ferreira, que foi um escritor que escreveu muito sobre Cabo Verde, mas depois desistiu-se.

Vai continuar a ser presidente do Conselho Executivo?

Não penso continuar depois de terminar este mandato, que é em Junho. Já sou um dinossauro... É demasiado tempo. As escolas precisam de mudar as lideranças e receber uma lufada de ar fresco. Penso que não teria estado tanto tempo no Conselho Executivo de uma escola como estive nesta, porque ela possui características muito próprias: tem alguma qualidade pedagógica e complemento curricular. Por outro lado, há o aspecto de eu não gostar de estar nas coisas por estar, e que quando inicio um novo mandato há sempre um projecto e um objectivo. É isso que me tem levado a estar tanto tempo. Há sempre um desafio e uma equipa excepcional. •